

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal de Brasília Class.: Karajá 385
 Data 23/05/93 Pg.: _____

Funai bloqueia entrada de gado na ilha do Bananal

VALÉRIA KUROVSKI
 DA AJC

A questão da desocupação da Ilha do Bananal — maior ilha fluvial do mundo, localizada no Estado de Tocantins — começa a tomar proporções maiores e chamar a atenção de pessoas preocupadas com a sua preservação, tal como a de seu ocupante legítimo, o índio. Há dois anos, a discussão em torno da retirada do gado, que ocupa ilegalmente os 2.475 hectares de terra cercados pelos rios Araguaia e seu braço direito Javaé, começou a tomar corpo e envolver órgãos governamentais e entidades não-governamentais. Um plano de desocupação da Ilha foi traçado e colado, vagarosamente, em prática. Mais de doze mil posseiros estão sendo cadastrados com a finalidade de, mais tarde, serem indenizados e reassentados, dentro de um programa social que vai exigir muito empenho e vontade política.

A Funai é responsável pela instalação de barreiras em pontos estratégicos da ilha, para impedir o retorno do gado após o período da cheia. Mas a falta de recursos e a precariedade na estrutura da administração regional, instalada no município de Gurupi (TO), não permitiu que a ação fiscalizadora se adiantasse ao "calendário" dos retirados, que já estão invadindo a ilha com seus animais. Na semana passada, o administrador regional da Funai em Gurupi, Rui Cotrim, obteve da presidência do órgão parte dos equipamentos necessários para dar prosseguimento à estratégia, como rádios e antenas. O ex-presidente da Funai, Sidnei Possuelo, ainda em sua gestão autorizou o início da montagem das barreiras no último dia 14.

Pasto sagrado — Um terço da Ilha do Bananal — o Parque Nacional do Araguaia — é de responsabilidade do Ibama. Os 1.650 hectares restantes são território indígena controlado pela Funai e ocupado pelas comunidades Javaé e Karajá, uma população estimada hoje em cerca de 2.500 índios. Uma das maiores evidências da devastação da ilha veio à tona no início deste ano, com a descoberta de um antigo cemitério indígena desativado. Na



A passagem do gado pelo cemitério indígena destruiu a proteção das urnas, onde estão os ossos

verdade, os Javaé vinham guardando segredo sobre a existência do cemitério, mas a revolta diante da violação da memória de seus antepassados falou mais alto.

O chefe do posto indígena da aldeia Canoaná, Osni Ribeiro de Souza, foi o primeiro funcionário da Funai a ser conduzido pelos Javaé até o território sagrado, no interior da ilha. O cemitério pertence à aldeia Wariwari, por muitos anos abandonada pelos Javaé, que agora estão retornando aos poucos às suas origens. Conferida a situação de risco do patrimônio histórico da comunidade, Ribeiro encaminhou a questão até o administrador regional Rui Cotrim, que tomou de imediato as primeiras providências. Fez uma visita ao cemitério, acompanhado da imprensa local, e constatou a destruição da área. "Se o índio desrespeitar o cemitério do branco, é preso e processado. Então por que o branco não respeita nosso território sagrado?", protesta o cacique da aldeia Wariwari Ru-

bens Moare Javaé.

Conflito previsto — A revolta da comunidade é visível. Visível também é a sua desesperança quanto a uma solução pacífica. A possibilidade de um conflito entre índios e retirados não é descartada pelas lideranças indígenas. Ao contrário do que muitos pensam, o Javaé não quer ser indenizado pela devastação de suas terras, sua cultura e seu passado. Ele quer apenas viver em paz.

O assunto acabou por despertar a atenção do Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural — IBPC, que enviou para a Ilha do Bananal a arqueóloga Catarina Eleonora da Silva. Ela foi acompanhada de uma equipe da Universidade Federal de Goiás, formada pela doutora em arqueologia Irnhid Wust e os estudantes de história e arqueologia Márcio Antônio Teles e Marcelo Rodrigues Martins. Durante três dias, eles vistoriaram o local e mapearam o cemitério, identificando 131 urnas funerárias expostas e da-

nificadas pelo pisoteamento do gado. Acredita-se que muitas outras devam existir, enterradas em maior profundidade. O sítio arqueológico foi isolado com cercas de arame farpado, e uma placa do IBPC informa que o cemitério é protegido por lei, e qualquer dano levará os responsáveis a responderem por crime contra o patrimônio cultural. **Impaciência** — A tentativa de proteger e conservar o cemitério Wariwari, aliada à formação das barreiras para impedir a entrada do gado na Ilha do Bananal, é o início de uma guerra de proporções incalculáveis. Até hoje, a Ilha do Bananal era considerada o paraíso do gado, onde o pasto é rico e farto, e onde o fazendeiro não tem despesas nem incômodos fiscais com o Governo. Mas o índio está começando a demonstrar sua impaciência diante da inércia das autoridades, e se mostra determinado a dar o seu grito nessa guerra, onde estão em jogo interesses políticos, econômicos e, acreditemos ou não, humanos.



Cotrim, diretor da Funai, mostra a urna de uma criança